

# Ineficiência da Ceme ajuda a aumentar casos de tuberculose

ANGELINA NUNES  
e ELAINE RODRIGUES

Criada para atender à demanda da rede pública por remédios essenciais, a Central de Medicamentos (Ceme), vinculada ao Ministério da Saúde, é acusada por pneumologistas de contribuir para o aumento do número de casos de tuberculose no Estado do Rio. Neste primeiro semestre, a Ceme enviou apenas 1,9 milhão das 5,7 milhões de cápsulas de Rifampicina composta com Isoniazina — para tratamento da tuberculose — pedidas pela Secretaria estadual de Saúde. Da requisição de 4,5 milhões de comprimidos de Pirazinamida, também para tuberculose, a Ceme enviou somente 567.880 comprimidos para serem distribuídos aos municípios do Estado do Rio.

A Ceme detém o monopólio da distribuição de medicamentos para tuberculose e hanseníase. Como o órgão não vem cumprindo sua função, o paciente não consegue remédio nos postos de saúde e acaba abandonando o tratamento. Com isso, além de ter seu estado de saúde agrava-

do, ele acaba contribuindo para a disseminação da doença.

No ano passado, segundo a técnica Tereza Cristina Bastos Martins, da Secretaria Municipal de Saúde, a Ceme distribuiu apenas 35% da cota de Rifampicina composta com Isoniazina destinada ao Rio de Janeiro. Isso significa um déficit de 500 mil comprimidos por mês, estimou a técnica Tereza Martins.

Com a hanseníase é o mesmo problema. No Instituto Estadual de Dermatologia Sanitária (antiga Colônia de Curupaíti), o estoque de Clofazimina — indicada para os casos mais graves da doença — mal dá para dois meses. De acordo com o médico Francisco Reis Viana, esse medicamento é doado ao Brasil por uma instituição japonesa, mas sua distribuição é feita pelo Ministério da Saúde. Há dois anos, porém, houve um erro na estimativa da quantidade necessária do remédio, que foi subdimensionada, segundo o médico. Por essa razão, o estoque do instituto está quase a zero. No final de maio, a secretaria tinha apenas 2.400 cápsulas de Clofazimina 100mg em estoque.